



Investigação-criação nas paisagens pós-industriais de Laguna-SC

Investigación-creación en los paisajes post-industriales de Laguna-SC

E6_01 - Los paisajes históricos de la producción: nuevos procesos emergentes y experimentales en la ciudad contemporánea

Amanda Vaillant Mantovani

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
amandavaillantmantovani@gmail.com

Evandro Fiorin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
evandrofiorin@gmail.com

Resumo: Esta comunicação propõe uma investigação-criação sobre a paisagem pós-industrial da cidade costeira de Laguna, no sul do Estado de Santa Catarina. Um lugar rico em biomas diversos e patrimônio histórico e arquitetônico. Nos primórdios do Brasil colônia, este território representava a parte mais ao sul das terras de Portugal, separadas da Espanha pela famosa linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Por sua localização geográfica estratégica, sempre teve papel fundamental no processo de desenvolvimento, alavancado pela constituição de um porto, plantas industriais e ligação por uma ferrovia. Estruturas que, por diversos fatores, já não são pujantes e estão em um ritmo de obsolescência. Nesse sentido, nosso trabalho tem como estratégia metodológica acompanhar os processos de transformação desse espaço urbano e as suas múltiplas camadas temporais, sobreposições e ecos. Dessa maneira, a partir do registro dos vestígios arquitetônicos e dos traços de alguns dos seus usos, cartografaremos espaços abandonados e suas formas de ocupação, na busca por um outro senso patrimonial. Portanto, em diálogo com o eixo temático do congresso e o simpósio sobre as paisagens históricas da produção, este estudo examina algumas das estruturas remanescentes, sob a luz das contradições contemporâneas e busca reinterpretá-las, mediante novas dinâmicas urbanas. Assim, a paisagem pós-industrial de Laguna é entendida como um laboratório

para investigar e criar possibilidades de uma outra leitura do território, da história e dessa comunidade costeira.

Palavras-chave: Paisagens Históricas da Produção; Investigação-Criação; Comunidade Costeira.

Resumen: *Esta comunicación propone una investigación-creación sobre el paisaje post-industrial de la ciudad costera de Laguna, en el sur del estado de Santa Catarina. Un lugar rico en diversos biomas y patrimonio histórico y arquitectónico. En los primeros tiempos del Brasil colonial, este territorio representaba la parte más meridional de las tierras de Portugal, separadas de España por la famosa línea imaginaria del Tratado de Tordesillas. Debido a su estratégica situación geográfica, siempre ha desempeñado un papel clave en el proceso de desarrollo, impulsado por el establecimiento de un puerto, plantas industriales y un enlace ferroviario. Estas estructuras, por diversas razones, ya no prosperan y se están quedando obsoletas. En este sentido, nuestra estrategia metodológica consiste en seguir los procesos de transformación de este espacio urbano y sus múltiples capas temporales, superposiciones y ecos. De este modo, mediante el registro de los restos arquitectónicos y las huellas de algunos de sus usos, cartografiaremos los espacios abandonados y sus formas de ocupación en la búsqueda de otro sentido del patrimonio. Así pues, en diálogo con el eje temático del congreso y el simposio sobre los paisajes de producción histórica, este estudio examina algunas de las estructuras restantes a la luz de las contradicciones contemporáneas y trata de reinterpretarlas a través de nuevas dinámicas urbanas. Así, el paisaje postindustrial de Laguna se considera un laboratorio para investigar y crear posibilidades para otra lectura del territorio, de la historia y de esta comunidad costera.*

Palabras-clave: Paisajes Históricos de Producción; Investigación-Creación; Comunidad Costera.

Introdução

Este artigo propõe uma investigação-criação que toma a paisagem pós-industrial de Laguna, no sul de Santa Catarina, como um laboratório para interrogar as temporalidades que compõem o território. Uma cidade costeira cuja geografia é um corpo entrelaçado de lagoas, restingas e morros. Laguna se apresenta como um palimpsesto vivo, em que camadas de história – dos sambaquis ancestrais ao ápice industrial e sua posterior ruína – não se sucedem, mas coexistem e se sobrepõem, ainda ecoando no presente.

Nos primórdios da colônia, este território representava o limite sul das terras portuguesas, uma posição estratégica que definiu seu destino como ponto de travessia e disputa. Esse papel foi alavancado, séculos depois, pela implantação de um porto, de plantas industriais e de uma ferrovia – estruturas que, por um conjunto de fatores, entraram em um ritmo de obsolescência e abandono. No entanto, o declínio dessas infraestruturas não apagou suas inscrições no espaço; ao contrário, abriu possibilidades para nos fazer vê-las, por meio das leituras sensíveis presentes nessa investigação-criação.

Nossa estratégia metodológica, portanto, é a de acompanhar os processos de transformação desse espaço urbano, atentando para suas múltiplas camadas temporais, sobreposições e ecos. O trabalho se organiza em três platôs investigativos. O primeiro platô remonta ao chão vibrátil dos sambaquis, essas arquiteturas da memória em que: tempo, corpo e natureza se incorporam, estabelecendo uma ressonância que ainda pulsa sob a crosta urbana; o segundo platô emerge com o auge da industrialização, quando a lógica do ferro e do ruído – do porto, da ferrovia, dos galpões – se sobrepôs ao território, tentando domesticar as águas e reconfigurar seus fluxos; por fim, o terceiro platô se abre para o lugar da ruína, o momento em que o silêncio retorna e a natureza reassume as estruturas, transformando-as em espaços de devir.

Ao cartografar vestígios arquitetônicos e os traços dos usos, buscamos não apenas documentar o abandono, mas reinterpretar essas estruturas à luz das contradições contemporâneas. Em diálogo com o eixo temático do congresso sobre paisagens históricas da produção, este estudo examina a paisagem pós-industrial de Laguna não como um fim, mas como um campo de forças em que se pode investigar e criar possibilidades para uma outra leitura do território, da história e desta comunidade costeira. Trata-se de buscar, nos interstícios e ecos, um outro senso patrimonial, que seja capaz de nos fazer habitar as fraturas e escutar os sussurros que insistem sob o ruído do progresso. Nossa investigação não se propõe a uma retórica patrimonialista, nostálgica ao tentar buscar preservar o que já ruiu; ao invés disso, se nutre dos processos da própria transformação em ruína como criação de uma paisagem de platôs, sob o signo do nosso pensamento nômade. Assim, os cartogramas que apresentamos, não são apenas ilustrações, se revelam como travessia científica e se conformam, junto com o texto, como nosso método cartográfico.

O lugar do sambaqui

Primeiro platô. Início – mas não origem. Um plano fundante, mas não inaugural. Um chão vibrátil em que corpos humanos, conchas, águas e ventos compunham em ressonância. Aqui, o passado não é fixo: é permanência encoberta, pulsando sob a crosta da contemporaneidade urbana. O tempo não se esvai, permanece espesso, como um sopro que atravessa camadas. Os

sambaquianos¹ ainda estão aqui – mesmo quando apagados – porque o território guarda os seus ritmos e silêncios.

Laguna, estreita entre o oceano Atlântico e o complexo lagunar sul-catarinense, é corpo de água e terra entrelaçados. A geografia se faz travessia: lagoas, canais, restingas, morros e marismas². Um território móvel, moldado por dunas e fluxos que não cessam. Aqui, a natureza é gesto e presença. As águas circulam, evaporam, retornam em forma de chuva – desenhando o tempo como um ciclo sem fim, conforme evoca Ailton Krenak (2019): tudo é natureza, tudo é corpo vivo.

Os povos sambaquianos que habitaram essas margens há cerca de 7.500 anos AP³ eram pescadores, coletores e artesãos do tempo. Suas vidas se davam em compasso com as marés, com os ritmos lunares e sazonais que faziam o território pulsar. Não havia distinção entre sujeito e paisagem: os corpos se inscreviam no mundo como parte do mesmo organismo. Os sambaquis – montes de conchas, ossos, ferramentas e cinzas – não são depósitos, mas corpos cerimoniais. Arquiteturas vivas e da memória erguidas para abrigar o devir da existência, o trânsito entre vida e morte. Cada estrato é um gesto de continuidade entre o humano e o não humano, onde o tempo se sedimenta em forma e memória (Gaspar, 2004; DeBlasis *et al.*, 2007; Scheel-Ybert *et al.*, 2023).

Os registros arqueológicos identificam cinquenta sambaquis no território de Laguna (Figura 01), embora moradores antigos relatem muitos outros, destruídos por extração de cal, aterros ou mineração (Assunção, 2010; Kozłowski, 2023). O desaparecimento, porém, não elimina a presença: ela se desloca para a latência. O solo que hoje sustenta ruas e construções é também corpo de conchas, cinzas e gestos.

Esses montes não são apenas vestígios, mas modos de existência que continuam a vibrar. São as primeiras arquiteturas da paisagem – cartografias ancestrais que marcaram o território antes de qualquer planta urbana. Como corpos-memória, eles testemunham um modo de vida em que natureza e cultura não se opunham, mas se entrelaçavam. A destruição dos sambaquis repete, em outro registro, a mesma violência que devasta rios, florestas e corpos.

A presença sambaquiiana não desapareceu: transformou-se. No complexo lagunar, a colaboração entre pescadores e botos – prática viva – ressoa esse mesmo pacto ancestral com as águas. O gesto coletivo, repetido, é também linguagem, é memória viva. Caminhar por essas margens é um vasculhar sem ferramentas: uma escavação do olhar sensível, atenção ao que insiste.

¹ Embora “sambaqueiro/a” seja o termo mais comum para designar as pessoas associadas aos sambaquis, “sambaquiano/a” enfatiza um pertencimento territorial e cultural mais amplo. A diferença entre os sufixos é relevante: “-eiro” sugere ofício ou função, reduzindo essas populações à construção dos sambaquis, enquanto “-ano” expressa origem, vínculo e habitação. A escolha, portanto, é também epistemológica, pois reconhece que os sambaquis, ainda que essenciais, não esgotam as formas de vida desses grupos (Scheel-Ybert *et al.*, 2022).

² De acordo com Zedler *et al* (2008), os marismas – também conhecidos como pântanos salgados, são ecossistemas costeiros formados em áreas planas e abrigadas, como estuários, baías e lagoas, onde a água do mar ou águas salobras influenciam diretamente o solo e a vegetação. Caracterizam-se por solos ricos em sedimentos finos, alta salinidade e presença de vegetação herbácea adaptada ao ambiente salino, como plantas halófitas. Esses ambientes desempenham funções ecológicas essenciais, como a estabilização do solo, a filtragem de nutrientes, o armazenamento de carbono e a oferta de abrigo e alimento para uma grande variedade de espécies, especialmente aves migratórias e juvenis de peixes e crustáceos.

³ Segundo Gaspar (2004, p.8 e p.9) AP significa antes do presente que, por convenção, é o ano de 1950, assim sendo o ano 0. Esta padronização é referente a descoberta da datação com Carbono 14. Adotando a divisão cronológica que tem como ano 0 o nascimento de Cristo, tem-se que 7500 anos AP é 5550 anos a.C.

O primeiro platô é, portanto, o do eco. O sambaqui ressoa – e o eco, como lembra Deleuze (2018), não repete o mesmo som, mas o desloca. Cada reverberação inventa a diferença. O eco é o devir da matéria. Assim, os sambaquis, mesmo soterrados, desestabilizam a paisagem contemporânea, lembrando que o solo urbano é feito de sobreposições. O platô sambaquiano é o primeiro grande entrelaçado: o ponto onde natureza e tempo se co-fundem, em que o humano é apenas mais uma dobra do território (Figura 02).

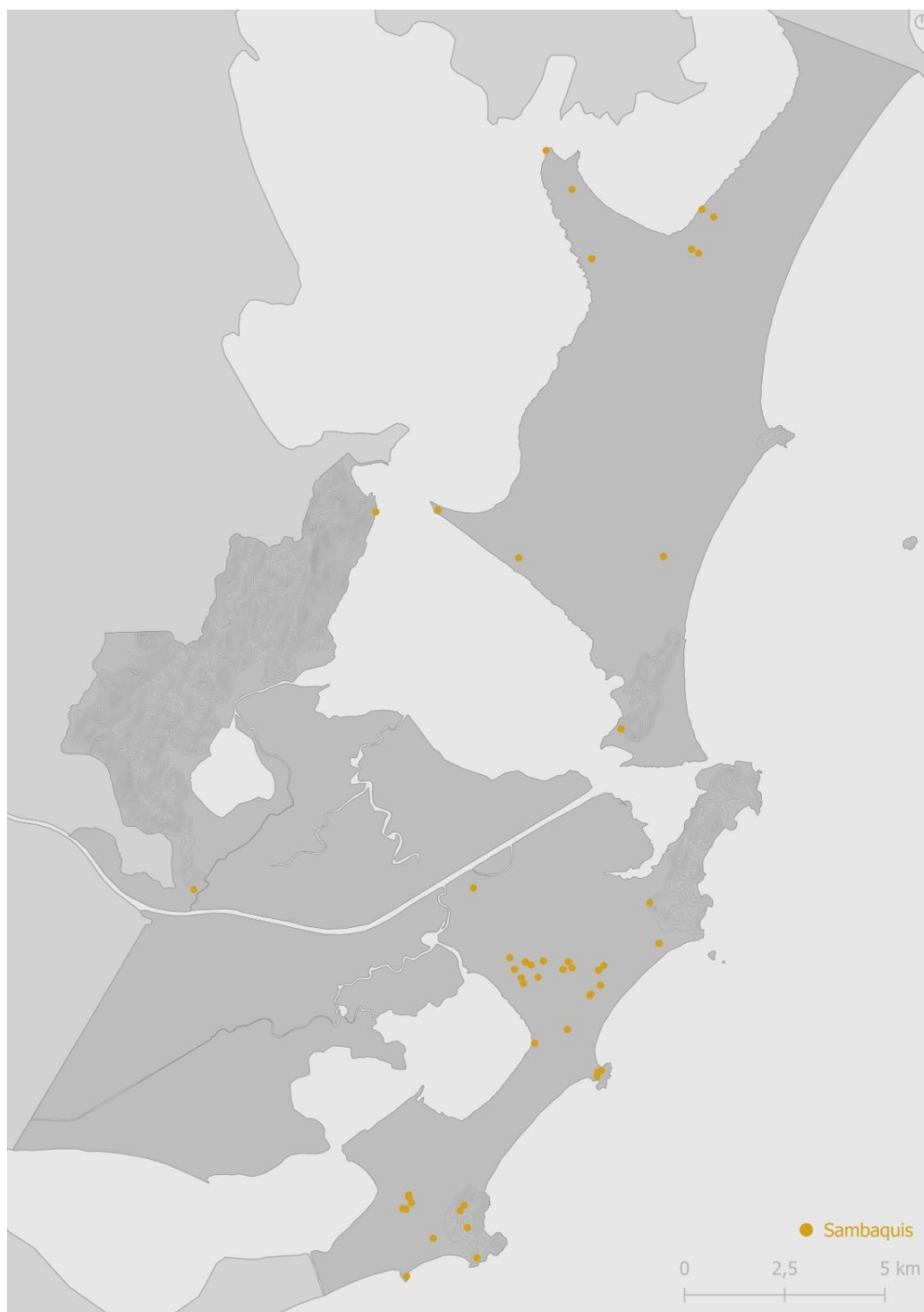


Figura 01: Os sambaquis. Fonte: elaborado pela autora (2025) com base em Assunção (2010) e Kozlowski (2023).

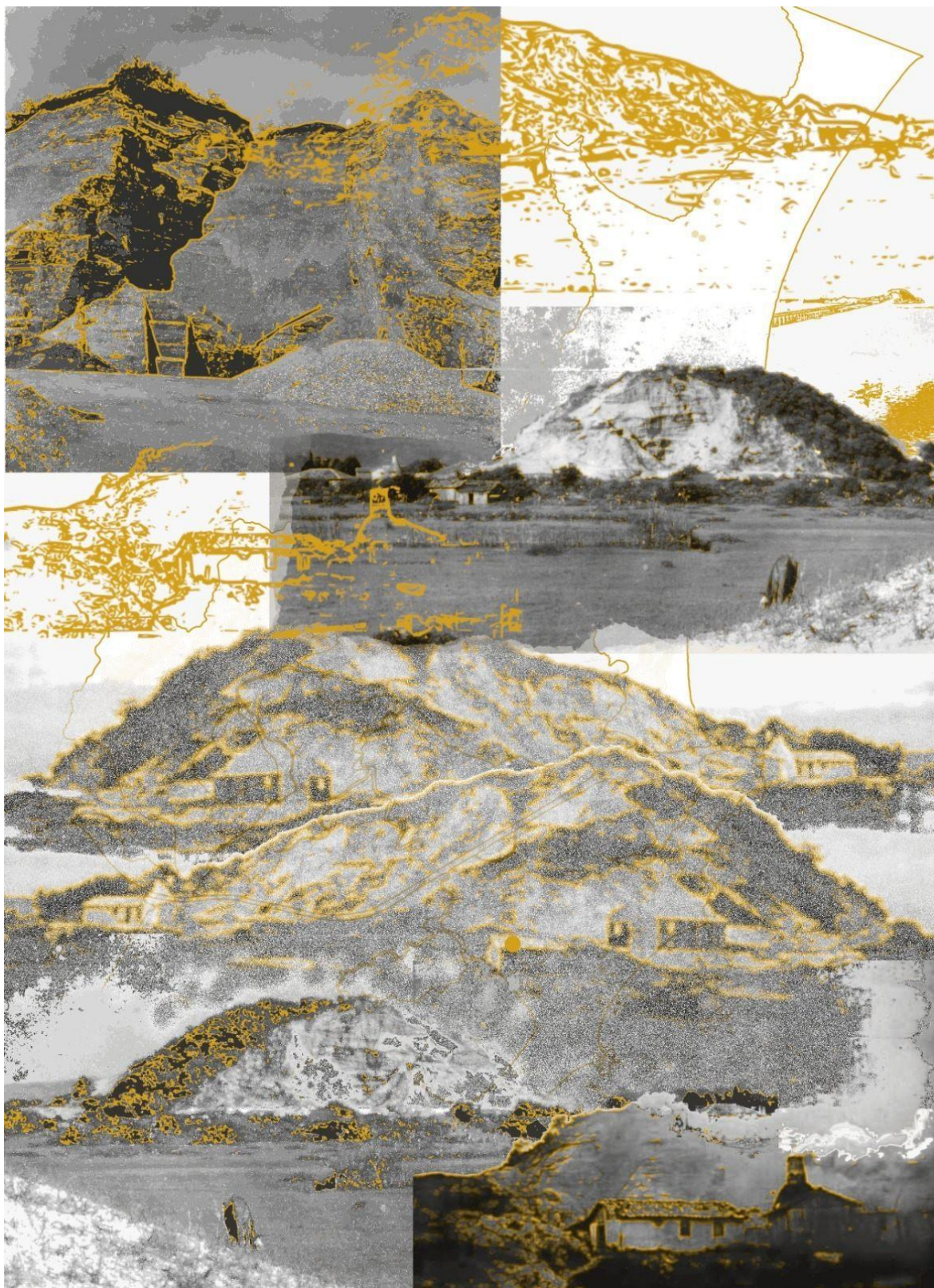


Figura 02: Cartograma dos sambaquis. Fonte: elaborado pela autora (2025); imagens: <https://www.facebook.com/lagunascbrasil>; https://www.facebook.com/asmileumahistoriasdelaguna?locale=pt_BR..

O auge da industrialização



O segundo platô emerge quando o espaço ancestral é reconfigurado por outras lógicas: colonização, modernidade e industrialização. Se, no estágio anterior, o território era habitado em compasso com a natureza, aqui passa a ser ocupado a partir da extração, do controle e da funcionalidade. O espaço ancestral se re-configura sob a promessa de progresso.

Milton Santos (2008) propõe distinguir paisagem e espaço: a primeira como herança material de sucessivos passados, a segunda como a paisagem animada pela vida social. Em Laguna, essa distinção se materializa em conflito. As formas herdadas – os morros, a lagoa, as antigas travessias – passam a ser reescritas por outras forças: pontes, aterros, ferrovias e galpões. O espaço industrial sobrepõe-se à paisagem natural, mas ela resiste. Krenak (2019; 2022) lembrará: rios e montanhas não esperam a presença humana para terem sentido; são já matéria viva, agentes que também escrevem.

Laguna é, assim, palimpsesto (Santos, 2008) e campo de forças (Deleuze e Guattari, 1995; 1997): pergaminho vivo em que o tempo se re-inscreve. As camadas do território não se apagam: coexistem. As mãos humanas constroem, mas a maré escreve, o vento corrói e a areia se move. O ferro impõe o traço, mas o sal devolve a ferrugem. A cidade modernizada nasce desse embate, fadada à obsolescência.

Muito antes de se tornar porto e ferrovia, Laguna foi disputa e travessia. Situada no limite entre os domínios portugueses e espanhóis definidos – e mal traçados – pelo Tratado de Tordesilhas, sua costa tornou-se ponto de tensão e sobreposição. O nome “Laguna del Embiaça”, registrado por Juan de Salazar Espinosa em 1552, já revelava a presença espanhola anterior à ocupação lusa (Cadorin & Cadorin, 2013). O território, por sua posição estratégica, era desejado por ambos: porto natural, abrigo seguro entre o Atlântico e o sistema lagunar.

A fundação oficial de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, em 1676, sob o comando do escravocrata Domingos de Brito Peixoto, marcou o ato para fixá-la ao domínio português. O núcleo urbano nasceu em torno de três pontos – o porto, a fonte de água potável e a capela – organizando o casario segundo a lógica luso-brasileira de vigilância e controle, voltado à borda d’água. Laguna se tornou, assim, entreposto de colonização e defesa, eixo logístico das incursões rumo ao sul (Lucena, 1998).

Entre 1748 e 1756, com a chegada dos imigrantes açorianos, o território se povoou (Chuva, 1984), não só de pessoas, mas também de novos sistemas técnicos e produtivos. As casas coloniais, o traçado ortogonal, os pátios murados e a Igreja deram forma à cidade que se projetava como posto avançado da Coroa.

Durante o século XIX, Laguna consolidou-se como entreposto do progresso técnico. A cidade foi atravessada por ondas de transformação: o ciclo do carvão, as obras portuárias, a ferrovia, os aterros e as pontes – as figuras do domínio (Figura 03). As águas, que antes serviam de palco para canoas e alguns rituais ancestrais, tornam-se corredores de carga. O porto se produz como máquina de captura, para usar a expressão de Deleuze e Guattari (1995, 1997): dispositivo de centralização e controle. O trem e os seus trilhos de ferro, com seu novo ritmo e traçado, reconfiguram o tempo e o espaço. A industrialização não substitui o que havia: sobrepõe-se ao complexo lagunar, comprimindo o território e domesticando os seus fluxos.



Figura 03: Cartograma das infraestruturas. Fonte: elaborado pela autora (2025). Imagens: <https://www.facebook.com/lagunascbrasil>; https://www.facebook.com/asmileumahistoriasdelaguna?locale=pt_BR. Mapa histórico: <https://bdlb.bn.gov.br/>.

Com o ciclo carbonífero no final do século XIX, Laguna passa a integrar a rede de escoamento do carvão das minas de Tubarão e Criciúma. Em 1884, inaugura-se o ramal da Estrada de Ferro

Tereza Cristina, cruzando a lagoa sobre um viaduto metálico de 1.430 metros, com vão móvel de 20 metros (Zumblick, 1987). O ferro atravessa o espelho d'água – símbolo de uma nova era. A maria fumaça comprime distâncias, altera o ritmo da paisagem. As lentas águas oceânicas represadas pela lisura da calma, tornam-se superfícies estriadas pelos trilhos e no ritmo frenético da máquina à vapor.

Mas a natureza responde. O assoreamento da lagoa, insistente, recusa a domesticação. O acúmulo de sedimentos no canal já se apresentava como obstáculo desde o século XVIII. O Provimento de 1720, transcrito por Dall'Alba (1976, p.94), determinava que a Câmara local devia manter a boca do Rio Tubarão sempre limpa, retirando troncos e substratos que impediam a navegação. Essa luta contra a própria natureza moldou a história urbana de Laguna: o progresso técnico sempre caminhou, lado a lado, com a tentativa de conter o movimento das águas.

Em 1905, iniciam-se as obras dos molhes quebra-mar, destinados a aumentar a profundidade do canal (Goularti Filho, 2007). Toneladas de rochas foram lançadas ao mar, redesenhando a geografia costeira. Também os aterros se multiplicaram, formando novas áreas de ocupação urbana junto ao porto central (Figura 04). A cada aumento, a cidade ganhava mais terra e perdia água. As margens móveis eram fixadas por camadas de pedra e concreto, em nome do progresso.

Os aterros, mais que soluções técnicas, foram atos de domesticação simbólica. O domínio da matéria sólida sobre a líquida transformou-se em metáfora da modernidade: conquistar terreno era conquistar o espaço. A era industrial que daí emergiu consolidou uma nova fronteira: não mais o limite entre as águas e a terra, mas entre o natural e o artificial. É nesse contexto que alguns galpões fabris se erguem na borda da lagoa – corpos de tijolo e madeira que condensam a pulsação do ciclo industrial.

Em 1936, a Ponte Henrique Lage substituiu a de ferro corroída. A nova ponte, em concreto, com 1.249 metros e longos aterros nas cabeceiras, representou a ambição de conectar o litoral e o interior, integrando a cidade ao circuito rodoviário que nascia (Zumblick, 1987). Mas, como as obras anteriores, logo encontrou a resistência do assoreamento – a lagoa insistia em mover o que o concreto queria fixar. Na tentativa de se manter útil à lógica do carvão, Laguna transferiu, em 1940, parte das operações portuárias para o bairro Magalhães, ficando, assim, com dois portos operantes: o central – destinado a passageiros e cargas no geral – e o carvoeiro. Trilhos foram estendidos, mas a profundidade do canal ainda continuou insuficiente (Figura 04).



Figura 04: infraestruturas portuárias e urbanas de Laguna – até final do séc. XX. Fonte: elaborado pela autora (2025) com base em Lucena (1998); Ulysséa (1943) e Moreira (2019).

A década de 1960 selou o destino da cidade: os investimentos migram definitivamente para Imbituba, onde o porto profundo atendia às demandas da mineração (Moreira, 2019; Goularti Filho, 2007). Laguna se torna, então, eco de um ciclo que a ultrapassa. O carvão segue outro caminho, rumo à cidade de Imbituba, onde o calado profundo atende à escala industrial. Laguna se torna periférica ao próprio ensejo de progresso.

Nesse contexto de transformação, os galpões fabris erguidos inicialmente para armazenar produtos de exportação passaram por sucessivas ressignificações. O galpão de arroz Zilmar; o galpão ao lado que não resistiu e ruiu⁴ e o galpão de pescados: estruturas simples, mas profundamente implicadas na economia portuária do lugar.

Cada um, testemunha de sucessivas metamorfoses das paisagens históricas da produção – do armazenamento de produtos de exportação ao de grãos, da pesca à festa noturna, como veremos adiante.

⁴ Hoje dá lugar ao prédio da Polícia Ambiental (Figura 05).

A ruína

O terceiro platô se abre quando o ruído cessa. Quando o ferro silencia. Quando o vento retorna. Aqui, o tempo não é o da construção, mas o da dissolução – e, também, o da fabulação. Com o fim das atividades portuárias e a desativação da ferrovia, restam galpões abandonados, muros descascados, janelas cegas. Mas, como lembra Georg Simmel (2019), a ruína é o instante em que a natureza retoma o que fora moldado pelo espírito humano. O edifício perde a função e ganha outra forma: forma em devir. Não é cadáver, mas processo de transformação.

A decadência não foi abrupta: foi lenta, tecida pela transferência dos eixos produtivos. A ferrovia no centro da cidade foi erradicada em 1973 (Moreira, 2019). A BR-101⁵, inicialmente instalada na ponte Henrique Lage, consolida a primazia da estrada sobre o mar. A cada camada, um deslocamento. Laguna passa de porto ativo a cidade-memória. Em 1985, o tombamento do centro histórico pelo SPHAN⁶ reafirma essa condição: o que era espaço de fluxo tornou-se documento (Franco, 1984). A modernidade, aqui, cristaliza-se.

O galpão de Arroz Zilmar, erguido no final da década de 1930 pelo armador João Martins da Silva, funcionava como entreposto de exportação de grãos, feijão e farinha, que seguiam em navios próprios rumo a outros portos (Dozol, 2008). Décadas depois, com a criação da Indústria e Comércio Zilmar em 1967, o espaço foi adaptado ao beneficiamento do arroz vindo da serra e do sul, permanecendo ativo por mais de vinte e cinco anos. O galpão ao lado que ruiu servia de apoio para essa estrutura (Guedes, 2025).

Os galpões da Cooperativa Nipo-Brasileira de Pesca, instalada em 1977, testemunharam a conversão da infraestrutura portuária para o setor pesqueiro (Guedes, 2020). O espaço que abrigava carvão e grãos passou a armazenar peixes e camarões – o ferro substituído pelo gelo, o ruído das máquinas e o som da maré. A arquitetura industrial de paredes altas acumula marcas de diferentes épocas produtivas: inscrições de temporalidades distintas no mesmo corpo. Neles se lê o ritmo da modernidade e seu cansaço. O ferro, o concreto e o vapor coexistem com o mofo, o silêncio e o vento. As marcas nos alçados, as paredes rachadas, as ampliações contam a história da cidade em suas tentativas de permanecer moderna.

Entre as brechas dos tijolos e a vegetação que sobe pelas paredes, há mais do que abandono: há encontro de forças. No trajeto caminhando (Figura 05) que fizemos pelas ruínas desses antigos galpões pudemos reconhecer o território (Fiorin, 2025). Embrenhamo-nos numa travessia de uma paisagem de platôs. Essa outra leitura acurada nos permitiu enxergar o vento que atravessa os tijolos, o verde que se instala nas frestas, o tempo que se espraia. O que era estrutura torna-se organismo. O humano e o não humano voltam a compartilhar o mesmo espaço, agora em ritmo outro, lento, em suspenso.

⁵ Rodovia Federal que conecta o litoral do Brasil de norte a sul.

⁶ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atualmente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

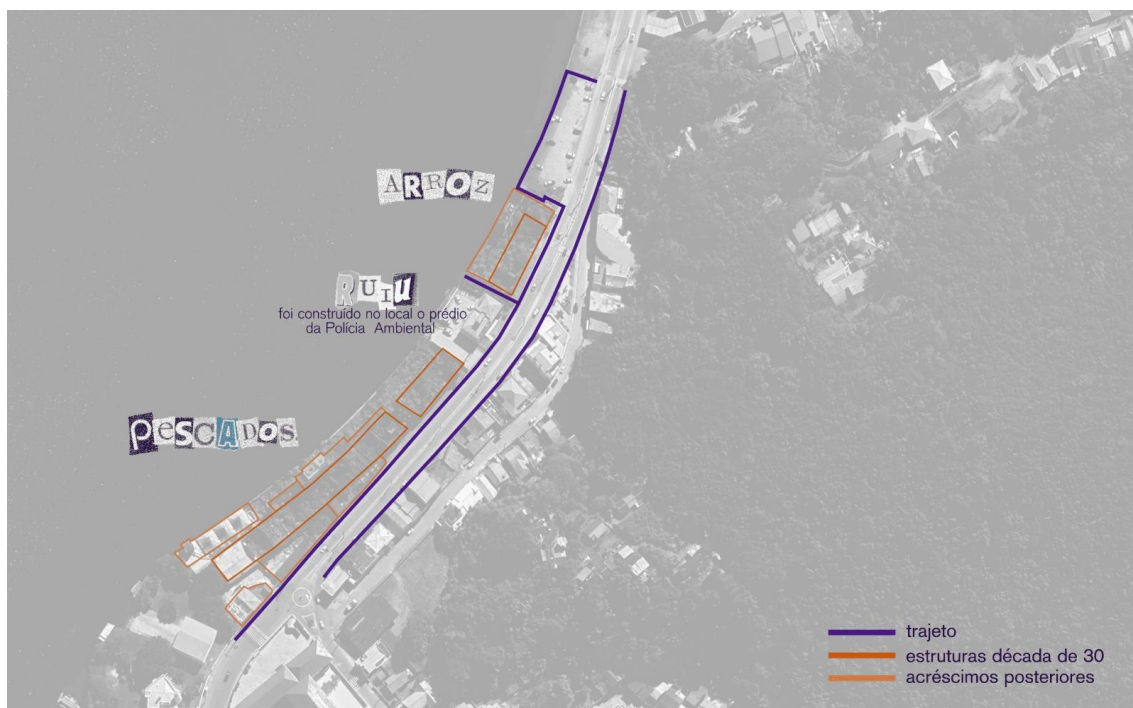


Figura 05: Trajeto. Fonte: elaborado pela autora (2025); imagem: Google Earth (2023).

A ruína é uma dobra temporal. Passado e presente coexistem sem promessa de futuro linear. O que resta é o intervalo – e é nele que surgem potências. Rocha (2010) irá pontuar que nas ruínas todas as leis e mapas se descontrolam. O que era espaço estriado – dominado pela lógica funcional do porto e da ferrovia – torna-se espaço liso, aberto à invenção.

Esses vazios urbanos – interstícios entre uso e desuso – são territórios de espera e de resistência. Não representam ausência, mas presença transformada. Neles, o tempo espesso das ruínas abriga uma outra forma de vida: gatos, plantas, artistas, caminhanças, lembranças. O espaço deixa de ser útil para se tornar habitável em outro sentido – um “habitável do inabitável” (Rocha, 2010, p. 58).

Caminhar entre essas ruínas é também gesto de pesquisa e de fabulação. O corpo que se move por entre os galpões participa do mesmo campo de forças que as rachaduras e os ventos. O olhar já não é distante, mas implicado. Cartografar é compor com o território (Passos; Kastrup e Tedesco, 2015) – e a ruína é esse nosso território em que o pensamento se desestabiliza. Essas margens esquecidas pedem outro tipo de atenção: uma escuta do que resta. Nas brechas, nos muros rachados, há ecos dos sambaquis e das pontes, ecos do que foi técnica e agora é poeira. A cidade se faz ruído e silêncio, permanência e passagem.

A ruína não encerra o ciclo: ela o amplia e empilha. É o platô da suspensão, o lugar em que o tempo dobra sobre si e cria outras possibilidades de habitar. A paisagem, que começou como corpo vivo no sambaqui e se transformou em máquina na era moderna do ferro, volta a respirar. Laguna retorna a ser travessia. Nesse campo em aberto da investigação-criação somos nômades. Construimos o trajeto contando as nossas histórias por meio da história oficial. Elas revelam os passos de uma caminhada que apresentamos aqui grafada, fotografada, cartografada.

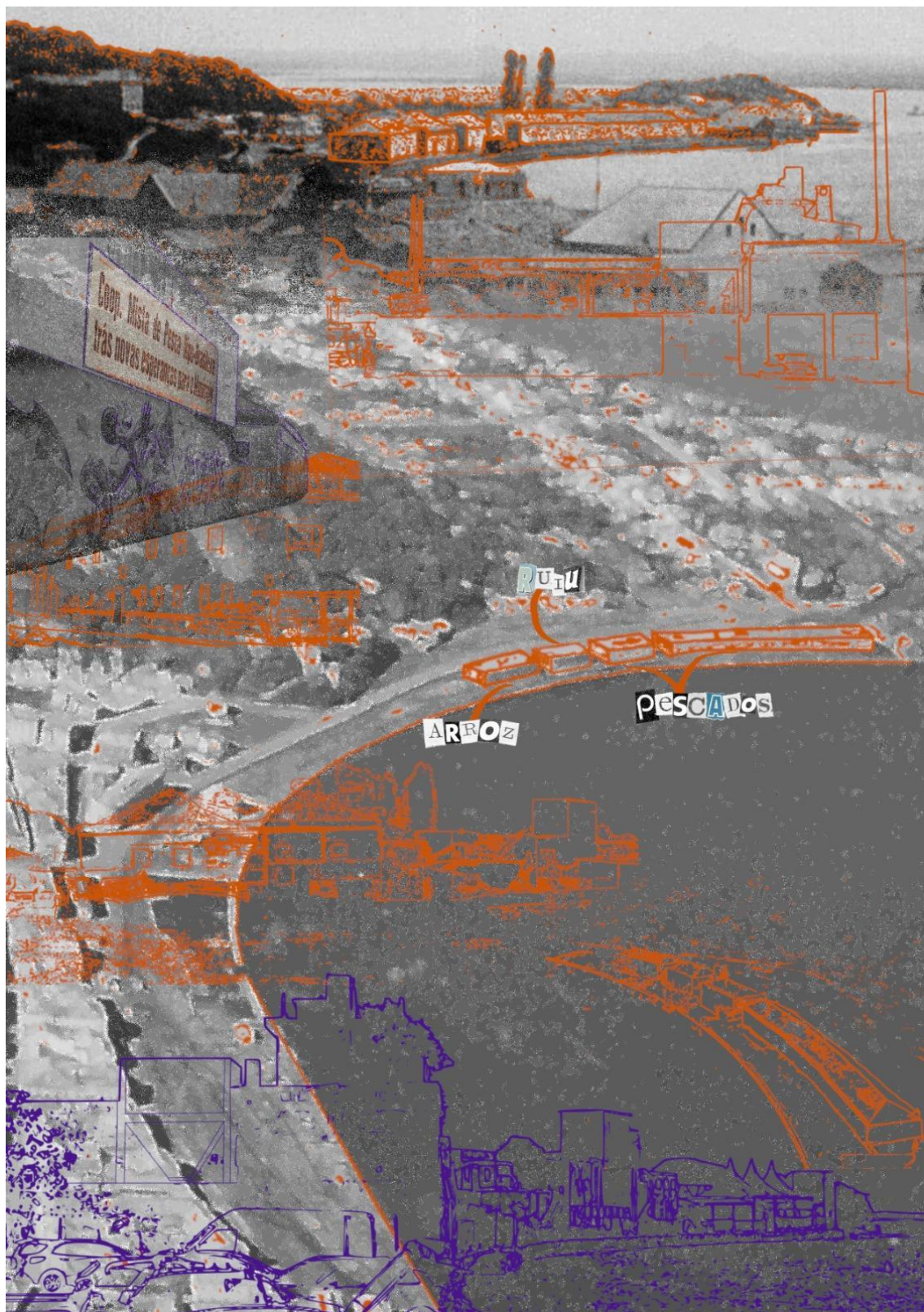


Figura 06: Os galpões. fonte: elaborado pela autora (2025). Imagens: <https://www.facebook.com/lagunasbrasil>; https://www.facebook.com/asmileumahistoriasdelaguna?locale=pt_BR.

Algumas considerações

A paisagem pós-industrial de Laguna, com seus silêncios e ruídos revela-se como território de sobreposições em que o passado não se dissolve, mas se dobra continuamente sobre o presente. Do sambaqui ao galpão, da concha ao ferro, o que se percebe é a permanência da matéria em transformação – um mesmo chão que, ao ser reescrito, conserva os traços do que o antecede, os vestígios sobrevivem nos interstícios, nas ruínas e nos gestos cotidianos.

Os percursos realizados nesta pesquisa – o caminhar atento, a escuta do território, a construção de cartografias – foram modos de produzir conhecimento a partir do envolvimento, e não da distância. O trabalho que dá origem a esse artigo nasce dessa prática: entre margens, aterros, ruínas e ventos, aprendendo com o que o território oferece em sua espessura de tempos. Caminhar tornou-se método e gesto criador; olhar tornou-se forma de inscrição. Cada deslocamento foi também um modo de inventar-fabular o espaço, de reconhecer a paisagem como corpo vivo que nos devolve o olhar.

Laguna, nesse sentido, não é apenas cenário da pesquisa, é a própria paisagem laboratório. Acompanhá-la em suas camadas – as águas dos sambaquis, o ferro da industrialização e a vegetação que retoma as estruturas – foi também um modo de compreender o tempo como fluxo contínuo, onde ruína e germinação coexistem. A ruína não se encerra como fim, mas como abertura. Nas fendas e nas brechas dos galpões, a natureza recomeça. O vento é o sopro do tempo, a vegetação redesenho do espaço e o corpo que caminha é o que dá lhes sentido nessa investigação-criação. Dessa forma, a paisagem pós-industrial de Laguna pode ser lida como um território de devires.

Agradecimentos

A primeira autora agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Edital 18/2024.

Referências

ASSUNÇÃO, Danilo. **Sambaquis da Paleolaguna de Santa Marta**: em busca do contexto regional no litoral de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

CADORIN, Adílcio; CADORIN, Lucas. **Laguna Terra Mater**: Dos Sambaquis à República Catarinense - Cronologia Histórica. Blumenau: Nova Letra, 2013.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Avaliação histórica**. Rio de Janeiro, 1984.

DALL'ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880**: documentário. Florianópolis: Lunardelli/UDESC, 1976.

DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo César; GASPAR, Maria Dulce. Sambaquis e paisagem: dinâmica e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana = Arqueologia Sul-americana**. Popayán, v.03, n.01, pp. 29-61, 2007.

DOZOL, Fernanda de Oliveira. **Espaço público de lazer e cultura**: Revitalização de trecho da orla Lagoa Santo Antônio – Laguna, SC. Trabalho de conclusão de curso I (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2008.



- DELEUZE; Gilles. **Diferença e repetição**. 4. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.
- DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- FIORIN, Evandro. **Reconhecer**. In Rocha, Eduardo; Del Fiol, Paula Pedreira. Conversas sobre caminhografia urbana. Pelotas: Caseira, 2025.
- FRANCO, Luís Fernando. **Informação nº 107/84**, Rio de Janeiro, 1984.
- GASPAR, MaDu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GOULARTI FILHO, Alcides. A lenta trajetória da construção do porto de Laguna. **História econômica & história de empresas**. [s.l.], v.10, n.01, pp. 83-116, 2007.
- GUEDES, Valmir. **Arroz Zilmar**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: . Em: 28 ago. 2025.
- GUEDES, Valmir. **Nipo Brasileira. Uma indústria que marcou época na Laguna**. Blog do Valmir Guedes - Laguna, 27 out. 2020. Disponível em: <https://valmirguedes.blogspot.com/search?q=nipo+>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- KOZLOWSKI, Henrique De Sena. **Modelagens arqueológicas no litoral sul catarinense: sambaquianos na região da lagoa de imaruí**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003178990>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- MOREIRA, Adilson de Souza. **Anamnese urbana: a Ferrovia na forma da Cidade de Laguna, S.C-Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono** (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte). 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: UNESP, 2008.
- SIMMEL, Georg. **A ruína**. Organização e introdução de Carlos Fortuna. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. DOI: 10.14195/978-989-26-1823-4. Disponível em: <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/55454>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- SHEEL-YBERT, Rita; BOYADJIAN, Célia; CAPUCHO, Taís. Por que a sociedade sambaquiana deve ser considerada como de meio termo? **Revista de Arqueologia**. [s.l.], v. 35, n.3, p. 3-31, 2022. DOI:

10.24885/sab.v35i3.995. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/995>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SCHEEL-YBERT, Rita; WESOLOWSKI, Veronica; GASPAR, MaDu; DEBLASIS, Paulo; BOYADJIAN, Célia; KLOKLER, Daniela; DIGIUSTO, Marina. Duas décadas depois das “Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaqueiros: uma abordagem multidisciplinar”. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 40–63, 2023. DOI: 10.24885/sab.v36i2.1105. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1105>. Acesso em: 18 jul. 2025.

ULYSSEÁ, Saúl. **A Laguna de 1880**. [s.l.] [s.n]. 1943.

ZEDLER, Joy; BONIN, Catherine; LARKIN, Daniel; VARTY, Alison. Salt Marshes. In: FATH, Brian (ed.) **Encyclopedia of Ecology**. v. 2, 2008, pp. 614-622.

ZUMBLICK, Walter. **Tereza Cristina: A ferrovia do carvão**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.